



Hernâni Bettencourt*

Não há extremistas fofinhos!

Para quem, como eu, acompanha de muito próximo tudo o que está relacionado com a política, há algo no ar, isto é, no espaço mediático, que me causa muita estranheza. Refiro-me ao diferente olhar para os radicalismos político-partidários.

O radical de esquerda é muito mais tolerado e até aceite que o radical de direita. Eu, confesso moderado e identificando-me com a social democracia, não compreendo esta desigualdade de tratamento. Quando o tema é o extremismo, não há a divisão entre o extremismo bom e o extremismo mau. Ou melhor, não devia haver. Mas a verdade é que há. Até há uma espécie de extremista fofinho.

Vem isto a propósito das eleições legislativas antecipadas francesas. O partido de LePen é sempre referido (e bem!) como de extrema-direita. O partido de Mélenchon, denominado “França Insubmissa” e que liderava uma coligação apelidada de “Nova Frente Popular”, nunca é referido por cá como de extrema-esquerda. Quanto muito é feita uma rápida referencia a “partido de esquerda radical”. Não se trata de uma mera questão de semântica. Trata-se, sim, de uma nuance linguística que é escrita ou dita proposadamente para tentar suavizar o extremismo de uma das fações.

Eu, talvez por defeito de feitio ou outra coisa qualquer, gosto que se chame “os bois pelos nomes”. Mélenchon é de extrema-esquerda. Tem posições que todos conhecemos relativamente à União Europeia, à NATO, a Israel, à intervenção do Estado na economia, à política fiscal e até sabemos o que pensa de ditadores como Chavez ou Fidel Castro. Nada disto é crime. Está no seu direito e tudo isto se insere no âmbito da sua liberdade.

A democracia é uma “enorme casa” que inclui, nas suas múltiplas assoalhadas, extremismos. De direita e de esquerda.

Ao povo eleitor compete, sempre, dizer que dimensão quer para tais espaços. E é aqui que surge outra das minhas inquietações ao assistir às mais diversas análises relativas às eleições em França. Foi muito raro ouvir alguém dizer a verdade dos factos. E qual é essa verdade? O partido mais votado na segunda volta das legislativas francesas, infelizmente, foi o partido de LePen (União Nacional que surgiu sob a forma de coligação “Reagrupamento Nacional” [RN]). Até parece mentira, mas não é.

Acontece que, face ao sistema eleitoral, o partido mais votado ficou em 3.º lugar na representação parlamentar. Mas convém não atirar para debaixo do tapete que o partido de LePen, através do candidato Jordan Bardella, obteve mais de 10 milhões de votos, sendo que a Nova Frente popular não chegou aos 7,5 milhões de votos e o partido do Presidente Macron (“Ensemble”) mereceu o voto de aproximadamente 6,3 milhões de eleitores.

Contas feitas, isto significa que o partido de LePen foi aquele que obteve maior crescimento, uma vez que é preciso recordar que passaram a sua representação de 89 para 143 deputados com assento na Assembleia Nacional.

O sistema eleitoral “travou”, por agora, a vitória isolada de um dos lados do extremismo e passou a batata quente para o Presidente Macron que ficou no meio de dois blocos extremistas. E nenhum deles é fofinho!

“Bonne chance, France!”

ps: Voltarei em setembro. Boas férias!

*Jurista



Daniela Silveira *

Senhores Passageiros Vamos Aterrizar na Ilha do Futuro (I)

Dizem que uma mentira dita muitas vezes, pode tornar-se verdade, como uma semente que se planta, cria raiz, mas a pergunta que fica no ar é: será que cresce?

A ilha do Pico, chamada de “ilha do futuro”, há pelo menos uma década, é um lugar onde a expectativa pelo que está por vir se entrelaça com uma realidade de promessas não cumpridas. O conceito de futuro evoca imagens de progresso, inovação e prosperidade, mas, para os habitantes e admiradores desta ilha, esse futuro idealizado muitas vezes parece eternamente distante.

As eleições legislativas regionais de 2016, 2020 e 2024 continuam a trazer à tona os mesmos problemas, os mesmos manifestos, promessas não cumpridas, que têm prejudicado significativamente o desenvolvimento sustentável da Ilha do Pico e do Triângulo. Estas promessas, apresentadas ora pelo PS ora pelo PSD, têm sido consistentemente ignoradas, privando a ilha de um crescimento económico sustentável, afectando sectores cruciais como a agricultura, a pesca, a viticultura e o turismo.

Uma das promessas mais gritantes e negligenciadas é o aumento da pista do aeroporto do Pico. Esta melhoria é essencial para garantir que a ilha possa receber aviões de maior porte, com segurança, e aumentar a frequência de voos, facilitando o fluxo de pessoas e mercadorias. A falta dessa expansão tem limitado o desenvolvimento económico e social não só do Pico, mas do Triângulo - um erro político não assumir a centralidade do Pico no Triângulo.

Durante a minha participação nas legislativas de 2024, como candidata do Pico pelo Bloco de Esquerda, alertei no debate transmitido na RTP-Açores sobre o perigo da privatização da SATA Internacional/Azores Airlines para o Pico e Faial correlacionando com o aumento da pista do aeroporto do Pico. Argumentei que outras companhias aéreas dificilmente se interessariam em operar rotas

deficitárias, entre o continente e estas ilhas, o que se confirmou recentemente. Apesar de a SATA Internacional/Azores Airlines ainda não ter sido privatizada, o recente concurso para as Obrigações de Serviço Público (OSP) ficou deserto nas rotas entre o continente e as ilhas do Pico, Faial e Santa Maria. Isso só reforça a necessidade de manter a SATA Internacional/Azores Airlines sob controle público (não politizado) para garantir a continuidade do serviço aéreo essencial para estas ilhas.

Outro ponto de grande frustração é a falta de transparência e de resultados concretos do estudo encomendado pelo actual governo sobre o aumento da pista do aeroporto do Pico. Este estudo, de elevado custo para a região, tinha um prazo de conclusão para novembro de 2023, mas até agora, nada foi divulgado. É inaceitável que uma infraestrutura tão crucial para o desenvolvimento da ilha e do Triângulo continue neste marasmo. Ao contrário da maioria dos aeroportos da região, concessionados a privados, o aeroporto do Pico é uma infraestrutura pública pertença do Governo Regional dos Açores. Portanto, qualquer intervenção depende unicamente da determinação política dos nossos líderes. Ou seja, de vontade.

Pergunto-me se nas próximas eleições regionais o aumento da pista do aeroporto do Pico será novamente tema de debate ou se será mais uma vez esquecido. Só o futuro o dirá. É esperar para ver. Se o passado é um indicador, temos motivos para estar cépticos. É essencial que continuemos a pressionar os deputados, em representação do Pico, para que finalmente cumpram as promessas feitas e permitam que a Ilha do Pico cumpra finalmente o seu futuro.

* Gestora de projetos e agente cultural